

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR  
PSICOLOGIA

HYZA RIBEIRO TAVARES

**ESCOLA MODELO EMPRESARIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES DE  
ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO**

Campos dos Goytacazes  
2018

**HYZA RIBEIRO TAVARES**

**ESCOLA MODELO EMPRESARIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES DE  
ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Bacharel em  
Psicologia, como requisito parcial para  
conclusão do curso.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Beatriz Corsino Pérez.

Campos dos Goytacazes  
2018

**HYZA RIBEIRO TAVARES**

**ESCOLA MODELO EMPRESARIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES DE  
ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Bacharel em  
Psicologia, como requisito parcial para  
conclusão do curso.

Aprovada em 2 de agosto de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Beatriz Corsino Pérez – Orientadora UFF  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Giselle Araújo Gouvêa Estácio  
UFF - Universidade Federal Fluminense

Campos dos Goytacazes  
2018

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por esta e muitas outras vitórias em minha vida, pois sem ele não conseguiria enfrentar todas as dificuldades; por ter me mostrado que eu era capaz quando eu mesma não acreditava; pelas pessoas que colocou em meu caminho e que me permitiu conhecer.

Gostaria de agradecer a minha mãe, que me deu força, por ter, juntamente com meu pai, me dado o Dom da vida e as condições necessárias ao meu desenvolvimento, sempre fazendo o possível e o impossível para aperfeiçoar minha educação, por terem lutado sempre por mim e pelo meu sucesso. A minha irmã que sempre esteve ao meu lado, me incentivando e aconselhando na construção deste sonho; por saber tolerar meu stress em relação aos períodos difíceis tanto na faculdade quanto na vida pessoal; por sempre me apoiar, mesmo que não concorde com minhas ações.

Aos meus professores da faculdade, que em sua maioria, sempre foram muito rígidos no que diz respeito à qualidade do que era passado para seus alunos. Pelo compromisso em formar bons profissionais e, acima de tudo, pessoas críticas.

A Beatriz Pérez, minha orientadora na monografia, que sempre foi muito clara em seus apontamentos me possibilitando um entendimento rápido do esperado. Que sempre me deixou muito à-vontade para fazer da minha monografia uma realização pessoal, fazendo somente ponderações cabíveis e muito coesas.

As minhas amigas da faculdade que foram peças fundamentais para tornar esse processo muito mais adorável e prazeroso. Que me fizeram dar muitas risadas e viver momentos inesquecíveis.

Enfim, a todos que contribuíram para minha vida e para minha formação profissional.

## RESUMO

O presente trabalho trata do tema ESCOLA MODELO EMPRESARIAL: limites e possibilidades de atuação da Psicologia na área da Educação. O objetivo do trabalho é verificar a eficácia e a abertura para a função do psicólogo dentro do ambiente escolar, a preparação e a inserção do aluno no mercado de trabalho e de que forma este projeto está articulado ao sistema capitalista. A metodologia utilizada foi além da pesquisa bibliográfica o estudo de campo, tendo em vista que o tema foi escolhido após três meses e 19 dias de estágio em uma escola particular no município de Campos dos Goytacazes - RJ, onde foi possível verificar que o psicólogo encontra limites em realizar sua prática, em virtude dos incômodos causados pela psicologia frente ao modo de funcionamento escolar. Durante o trabalho muitos aspectos foram levantados, como as dificuldades enfrentadas pelos alunos e profissionais da área da psicologia frente aos profissionais da educação. O que se pretende com este texto, obviamente, não é esgotar o tema, mas de uma forma clara e objetiva contribuir de alguma forma para o conhecimento e esclarecimento sobre a atuação da Psicologia Área da educação.

**Palavras-chave:** Escola. Psicologia. Aluno.

## **ABSTRACT**

The present work deals with the theme MODEL ENTREPRENEURIAL: limits and possibilities of Psychology performance in the area of Education. The objective of the study is to verify the effectiveness and openness of the psychologist's role within the school environment, the preparation and insertion of the student in the labor market and how this project is articulated to the capitalist system. The methodology used was in addition to the bibliographical research the field study, considering that the theme was chosen after three months and 19 days of internship in a private school in the municipality of Campos dos Goytacazes - RJ, where it was possible to verify that the psychologist finds limits in carrying out their practice, due to the annoyances caused by psychology in relation to the way school works. During the work many aspects were raised, such as the difficulties faced by students and professionals in the field of psychology vis-a-vis education professionals. What is intended with this text, obviously, is not to exhaust the theme, but in a clear and objective way contribute in some way to the knowledge and clarification on the performance of the Psychology Area of education.

**Keywords:** School. Psychology. Student.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
2	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	9
2.1	<b>A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS INSTITUIÇÕES PARTICULARES: O MODELO EMPRESARIAL</b> .....	9
2.1.1	<u>Preparação e inserção do aluno no mercado de trabalho</u> .....	9
2.1.3	<u>Sofrimentos causados pelas idealizações acerca do aluno</u> .....	11
2.1.4	<u>A atuação do psicólogo em relação à orientação vocacional</u> .....	14
2.2	<b>HISTÓRICO DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AOS LIMITES E POSSIBILIDADES</b> .....	16
2.2.1	<u>Traçando um histórico do papel do psicólogo na escola</u> .....	17
2.2.2	<u>Uma crítica ao modelo individualizante onde “o problema” está voltado a cerca do aluno eximindo a responsabilidade dos fatores sociais</u> .....	18
2.2.3	<u>As diferentes formas e possibilidades de atuação</u> .....	20
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	23
4	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	25
4.1	<b>OS CONFLITOS E OS SOFRIMENTOS VIVIDOS PELOS JOVENS NA ESCOLA</b> .....	25
4.2	<b>REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR</b> .....	29
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
6	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33
	<b>ANEXO – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A DIRETORA</b> .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido durante o estágio em uma escola particular no município de Campos dos Goytacazes – RJ, o vínculo criado entre estagiária e psicóloga orientadora foi muito agradável, inclusive obtendo-se maior eficácia aos trabalhos já desenvolvidos anteriormente pela psicóloga. Porém, essa abertura não se dava da mesma forma com a direção da escola e com isso não foi possível realizar alguns projetos como desejado.

A restrição da atuação da psicologia na instituição, que se dava basicamente na sala da psicologia, causava um grande desconforto, não só a estagiária, como também a psicóloga da instituição. Porém, não é possível deixar de levar em conta alguns avanços que foram observados ao longo dos anos, como a valorização do trabalho da psicologia na escola; a dissociação da psicologia a psicologia clinica; desenvolver o trabalho com os demais atores pertencentes a escola, entre outros.

O que mais dificultou o trabalho durante o período de estágio eram os encaminhamentos feitos dos “alunos problemas” para a sala da psicologia, numa tentativa de trabalhar individualmente, o que fazia o jovem não ter o desempenho escolar esperado. Nestes casos era notório que os professores e a coordenação estavam mais preocupados em encaminhar os "alunos problemas", colocando a responsabilidade pelas dificuldades do processo de aprendizagem apenas nos alunos, ao invés de se questionarem o porquê era feito tantos encaminhamentos. Por este motivo, busca-se nesse trabalho monográfico, conhecer melhor esse modelo implantado na escola, onde se encaminha o problema na expectativa que um outro possa resolvê-lo ao invés de se desenvolver uma ação em conjunto.

Frente a esses problemas apresentados surgem alguns questionamentos, sobre até onde o psicólogo consegue ir? Até a que ponto o psicólogo deve se submeter à restrição a sala de atendimento, ao trabalho pontual e específico com o aluno?

A escola não tem espaço para lidar com outras questões como: acompanhar as turmas, as rotinas na escola, desenvolver um trabalho mais longo com a turma sem ter intervenções pontuais quando uma turma manifesta algum problema?

E sobre as questões éticas? O que é sigiloso ou não dentro da instituição? O que deve ser relatado para os outros profissionais e o que fica na relação entre psicólogo e aluno?

A finalidade deste trabalho é desenvolver um estudo a cerca do modelo de escola particular voltada para a preparação e a inserção do aluno no mercado de trabalho, de que



forma este projeto está articulado ao sistema capitalista e compreender o sofrimento dos jovens diante das idealizações e expectativas da família e da escola sobre o seu desempenho escolar e a escolha profissional.

E ainda, refletir sobre as possibilidades de atuação do psicólogo escolar diante dessa realidade, e como articular as demandas institucionais e ter uma postura ética diante do posicionamento dos jovens? Desta forma, procura-se discorrer no primeiro capítulo, cujo título é “Escola modelo empresarial”.

O campo onde mais se vê essa restrição da atuação do psicólogo é nas instituições particulares, onde as escolas pertencem a um modelo empresarial. Os desejos e interesses dos jovens em relação ao que gostam de fazer, as amizades, as suas relações pessoais e suas perspectivas em relação ao trabalho são desvalorizados uma vez que a escola se propõe a ser um momento de preparação para uma profissão que possa dar um retorno financeiro futuro.

Com isso, estamos formando cada dia mais crianças e jovens doentes, diagnosticados, medicalizados, sem perspectivas pessoais, oprimindo seus desejos para garantir um padrão de vida “aceito” pela sociedade, aceitos principalmente por seus pais. Tudo isso, em busca de uma recompensa futura, recompensa essa financeira, onde pertencerá ou permanecerá a um “status” social tido como satisfatório.

Em outro momento, no segundo capítulo, intitulado “Histórico da atuação do psicólogo escolar frente aos limites e possibilidades” onde será dividido em três subseções, será traçado um histórico do papel do psicólogo na escola. A psicologia escolar precisou ganhar alguns espaços antes de criar sua identidade, identidade esta que ainda está se construindo. E durante esse percurso, numa tentativa de ganhar território, o papel do psicólogo escolar se associou ao papel de psicologia clínica que tinha uma principal função, tratar os “alunos problemas”. Alunos esses, que não estariam se enquadrando as normas da escola. Cabendo ao psicólogo a “normatizar” esse aluno.

Em seguida o tema será abordado por intermédio de um viés crítico ao modelo individualizante onde “o problema” voltado a cerca do aluno eximindo a responsabilidade dos fatores sociais.

De acordo com Kupfer (2004) os problemas de aprendizado dos alunos eram visto pela instituição escola, como um problema individual, excluindo a importância dos fatores sociais sobre esse aluno.

Os psicólogos ao entrarem nas escolas ouviam seus ruídos e juntamente com isso passou a ter novos dispositivos teóricos, dispositivos esses que mostravam que a psicologia

não se faz apenas atendimentos individuais na busca de solucionar problemas. Mostram outras possibilidades, como por exemplo, que não se pode olhar o indivíduo sem considerar o seu entorno.

Em seguida versará sobre as diferentes formas e possibilidades de atuação do psicólogo onde objetivo de desenvolvimento e aprendizagem tem que ser o norteador do trabalho desenvolvido. Segundo Oliveira e Araújo (2009) a Psicologia Escolar tem buscado solidificar uma atuação de caráter preventivo e relacional que se sustenta muito mais em parâmetros de sucesso do que de fracasso.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 – A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS INSTITUIÇÕES PARTICULARES: O MODELO EMPRESARIAL**

Neste capítulo, iremos problematizar o modelo de escola particular voltada para a preparação e a inserção do aluno no mercado de trabalho e de que forma este projeto está articulado ao sistema capitalista. Além disso, buscaremos compreender o sofrimento dos jovens diante das idealizações e expectativas da família e da escola sobre o seu desempenho escolar e a escolha profissional.

#### **2.1.1 - Preparação e inserção do aluno no mercado de trabalho**

Antes do século XX, a escola já era caracterizada como sendo um ambiente de formação de crianças e jovens onde é atribuída, ao próprio aluno, a culpa por suas dificuldades de aprendizagem e por isentar outras instâncias das suas responsabilidades educativas para preparar o aluno para o mercado de trabalho (CAMPOS; JUCÁ; 2003).

Segundo Castro *et.al.* (2010) a sociedade atual coloca crianças e jovens no lugar de alunos para que sejam preparados para, no futuro, poderem ocupar o lugar dos adultos. Assim,

a escola, além de ser um lugar assegurado pela lei como um direito é, para crianças e jovens, uma obrigação, um dever que eles têm com a sociedade.

Com a consolidação da educação compulsória para os mais novos, nas primeiras décadas do século XX, a escola se afirma, em nossa sociedade, como o lugar de formação de crianças e jovens, de sua preparação para que, no futuro, eles sejam adultos maduros, desenvolvidos, cidadãos (CASTRO, 2010: p. 46).

De acordo com Castro (2013) atualmente, os alunos se questionam o porquê e para quê aprender isso ou aquilo, onde a respectiva utilidade desse saber não consegue ter dimensão, à medida que o mundo contemporâneo os apresenta inúmeras tarefas mais “prazerosas” do que os currículos formais da escola. Castro (2013) afirma que, crescentemente, a escola se vê tomada pelos ditames do mercado: a finalidade de formar crianças e jovens parece estar univocamente direcionada como a inserção bem-sucedida no mundo do trabalho. Outro estudo da autora em escolas públicas e privadas, do Rio de Janeiro, sobre a participação dos estudantes nas escolas, mostrou que:

Para as crianças, aprender hoje significa poder fazer, ou poder ter, no amanhã. Só que esse amanhã se situa distante e remoto exigindo-lhes sua subordinação no presente ao projeto que se coloca como provável de acontecer: estudar e se formar durante anos para depois poder realizar alguma atividade que garanta sustento e possibilidades de consumo. Ora, a subordinação da criança a esse projeto fundamenta-se na promessa que lhe fazem os adultos: crescer para ser alguém, se formar para trabalhar como um adulto o faz. São eles, os adultos, que já tendo chegado ao mundo antes das crianças, que podem assegurar para quê este enorme esforço, se ele vale a pena mesmo diante de tantas “tentações” que podem desvirtuá-las da caminhada de se preparar e se formar (p. 112).

Segundo Castro (2013) o estudante pode ter sua participação na escola de maneira conservadora para cumprir as normas e expectativas para desempenhar suas tarefas no ambiente educacional tais como frequentar as aulas, obedecer aos professores, estudar, passar de ano. Essa forma de obediência às normas estabelece hierarquias antigas que desperta o desinteresse do aluno em frequentar à escola e passa a ser uma obrigação e não um momento prazeroso de ter novos conhecimentos, de aprender.

Esse desinteresse leva a conflitos que não correspondem às expectativas dos alunos, passando a entender que essa forma conservadora de ensino atende somente as expectativas dos adultos e distancia o interesse individual de cada aluno a escolher suas próprias vocações e perspectivas de profissões futuras (CASTRO, 2013). Nesse contexto a autora pondera que:

Se a relação entre estudo no presente e emprego no amanhã tornou-se problemática, parece que o esforço e a dedicação aos estudos, hoje, têm que fazer sentido no presente, e não mais ser útil apenas para assegurar um futuro promissor, com sucesso e emprego garantidos. A problematização desta linearidade também surge nos dilemas e aflições crescentes de jovens universitários que, assustados e perplexos frente às incertezas do amanhã, pulam de curso em curso como se quisessem buscar o ‘curso certo’ que possa lhes garantir o emprego com a remuneração esperada (p. 120).

Atualmente as crianças reconhecem a escola como importantes em suas vidas, pois será através dela que irão se capacitar para o futuro, para o mercado de trabalho. A formação escolar atua com o modelo de concepção mediante o empenho pessoal do aluno, dessa forma, ele deverá se esforçar no presente e isso poderá refletir no seu futuro como, por exemplo, estudar hoje para que no futuro ele tenha mais chances de adquirir um bom emprego. Nesse sentido, a escola vem mantendo um discurso social preparando o aluno para perspectivas futuras, na expectativa de que isso irá construir motivação no presente estimulando o interesse no aprendizado. (CASTRO, 2013).

Uma escola transformadora, que se preocupa com o futuro de seu aluno, precisa potencializar a convivência democrática, estimulando o aluno a perceber a escola e o professor não como um rival ou aquele que impõe regras, que devem ser executadas não somente por obrigação, mas com sua participação para seu próprio desempenho e satisfação, que o ajude a crescer e que isso possa influenciar positivamente na sua formação e futura profissão (ESTEVÃO, 2008).

### 2.1.2 - Sofrimentos causados pelas idealizações acerca do aluno

Nos dias atuais, por mais relevante e necessária que a educação possa ser, crianças, jovens e adultos não apresentam um interesse primordial em sua própria educação. Nota-se um desinteresse unânime com a educação escolar.

Nos estudos de Castro (2013) entende-se que atualmente a criança se obriga a corresponder à demanda social de formação para obedecer às exigências que lhes são impostas. Mas essa imposição deve ser oferecida dando autonomia à criança para que desenvolva suas habilidades de forma prazerosa o que vai estimular seu interesse em ir para a escola e entender o porquê da necessidade de participar do processo de ensino-aprendizagem.

Em seus estudos a autora mostra as incertezas do mundo atual e o quanto isso preocupava crianças e jovens. Não há uma certeza de como será o futuro, mas a complexidade dos acontecimentos nos remete a impossibilidade de vislumbrar um futuro melhor. O importante seria fazer com que as mudanças de comportamentos começassem no presente. A escola e a família devem criar um ambiente harmonioso e levar a criança a acreditar nas suas habilidades dando oportunidades para que ela possa desenvolvê-las.

Muitos profissionais da educação se desdobram em desenvolver métodos e técnicas que sejam do interesse dos alunos para chamar a atenção em fazê-los entender a importância da educação escolar. Mas a gama de informações que lhes são acessíveis nesse mundo globalizado e a rapidez com que chega a cada um os afasta cada vez mais da escola. Não bastando, cada aluno tem suas causas próprias para a desmotivação escolar. Determinados alunos apresentam grande dificuldade em interagir com certas atividades, outros apresentam resistência de participar das atividades propostas, se isolando dos demais colegas, bem como não apresentando interesse em realizar algo que se refere à aprendizagem.

A escola, sendo um espaço de aprendizagem, não pode se limitar ao simples cumprimento do ano letivo e dos rituais burocráticos estabelecidos na Proposta Pedagógica Curricular e no Regimento Escolar. Há trabalhos que trazem benefícios e, portanto, o professor, mesmo com uma formação inovadora, não pode atuar isoladamente nas articulações de mudanças para lidar com as relações interpessoais. A maneira de agir coletivamente requer propostas da equipe pedagógica, direção e funcionários, nas estratégias e recursos do projeto pedagógico da escola que juntamente com seus alunos, irá agregar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula e no âmbito escolar. O aluno precisa ser conduzido a compreender as relações existentes e compartilhar com os demais envolvidos os sucessos e insucessos (LEITE; TOCORNAL; 2012).

Para Bock *et.al.* (2005), a motivação para acontecer, é necessário considerar os três tipos de variáveis: o ambiente (familiar, escolar e o meio social; as forças internas ao indivíduo (necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso e instinto) e o objeto que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza.

A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Na motivação está também incluído o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. E, por fim, na motivação está incluído o objeto que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade. podemos dizer que a motivação é um processo que relaciona

necessidade, ambiente e objeto, e que predispõe o organismo para a ação em busca da satisfação da necessidade. E, quando esse objeto não é encontrado, falamos em frustração. (Bock *et.al.*, p.121. 2005)

Entende-se que dentro ou fora da escola podem-se originar conflitos que contribuem para o fracasso escolar, para o baixo rendimento e para o baixo índice de aproveitamento dos alunos. As regras e normas institucionais são impostas e devem ser seguidas com cobranças e punições quanto ao seu descumprimento, tanto pelos professores quanto pelos alunos, e esses fatores contribuem para o avanço dos casos conflituosos.

Segundo Goergen (2007) as crianças e jovens trazem conceitos de normas, regras e valores de uma sociedade como expressão da cultura. Nesse sentido, a formação humana constitui-se a partir dos costumes, condutas, ações e atitudes, embasadas em valores, mediante experiências e aprendizagens que se desenvolvem no cenário das relações familiares, sociais e midiáticas.

O desinteresse dos alunos pelo estudo é proveniente de vários fatores tais como: desestruturação familiar, conteúdos que não condizem com a expectativa dos alunos, metodologias ultrapassadas, dificuldade de motivação fazendo com que os alunos passem a ver o estudo como obrigação e não como uma contribuição ao seu desenvolvimento pessoal.

O fato é que boa parte dos alunos não estuda por interesse próprio, e se o faz é somente no período de provas, motivados pelas notas e pela cobrança dos pais e professores. Para que o aluno desenvolva a motivação pessoal pelo estudo é necessário um trabalho eficaz visando o hábito de estudo que ultrapasse os limites da sala de aula. (NUNES, 2006).

Aguçar a curiosidade dos alunos para chamar-lhes a atenção quanto ao conteúdo a ser estudado é uma forma de mediar de forma significativa o aprendizado a ser adquirido. Silva (2007) enfatiza que o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. E para que isto possa ser mais bem cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

A socialização nada mais é do que a integração das diferenças em todos os âmbitos, principalmente o escolar. Quando o aluno se sente acolhido e confortável no ambiente escolar seu processo ensino-aprendizagem terá um curso de normalidade levando-o a entender e aceitar a estrutura do aprendizado para sua própria vida e não de maneira obrigatória, coerciva, com propósito de mais um ano letivo que terá que concluir.

Diante das inúmeras transformações e exigências que o novo século provoca, as mudanças no processo ensino-aprendizagem enfrentam contradições que interferem e geram

conflitos, tornando o espaço escolar longe de ser um espaço voltado à educação moral onde a convivência e o compartilhar com o outro possibilitam a aquisição de valores morais formadores de sujeitos éticos e solidários.

### 2.1.3 - A atuação do psicólogo em relação à orientação vocacional

Antes de iniciar o tema proposto neste tópico é importante destacar que ao longo do tempo, o termo foi modificado diversas vezes e ainda não há um consenso sobre o mais adequado a ser utilizado, cada profissional utiliza uma forma para expressar a orientação profissional, ou vocacional do aluno. Tendo em vista que vocação remete-se a um talento, uma disposição pessoal, e o termo profissional, tem relação com ofício. Na literatura tem sido utilizado tanto um termo quanto o outro, como sinônimos, sendo assim, este trabalho seguirá a mesma linha.

Na antiguidade essa preocupação, com a vocação profissional, não era tão suscitada, pois o trabalho era escravo e os homens livres podiam se ocupar com o mundo das idéias, na Idade Média, também não se era possível escolher um ofício, o filho do agricultor, seria agricultor, o filho do ferreiro, seria ferreiro, do carpinteiro, seria carpinteiro.

Somente na transição do feudalismo para o capitalismo se evidenciou a venda da força de trabalho, sendo assim, percebe-se que após a Revolução Industrial as famílias não detinham mais o poder de decisão sobre a orientação vocacional de seus filhos, tal responsabilidade passa a ser das escolas.

Segundo Rosas (2000): “Até o início do século XX, ajudar alguém a escolher uma ocupação profissional poderia ficar a critérios de qualquer pessoa que se dispusesse a isso, com a publicação de obras autobiográficas e num estilo autoajuda.” (apud VALENTINI, 2014. p. 96)

Se instaura uma certa confusão, quase que mais um problema, para o jovem que antes não podia decidir qual o caminho tomar profissionalmente, pois o mercado exige cada pessoa em seu lugar, pensando apenas na maior produtividade.

Somente nos anos 50 a orientação vocacional passa a ser inserida nas escolas em alguns países da Europa, no Brasil na década de 60 a psicologia foi regulamentada como

curso universitário, desta forma inserida nas escolas atendendo a este campo da orientação vocacional.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1961, trazia nos artigos 37 e 44 a obrigação da escola em conjunto com a família promover a orientação vocacional, artigos posteriormente revogados, porém, foi o início da orientação vocacional nas escolas, que se dava através de pedagogos ou psicólogos.

Diante de todas estas mudanças se chegou a acreditar que o adolescente já não podia mais decidir por si mesmo, precisava que alguém lhe guiasse para a vida profissional, no final dos anos 80, muitas escolas particulares já eram adeptas a concepção de que orientação vocacional deveria iniciar-se cada vez mais cedo.

Escolher uma profissão tornou-se uma questão que envolve muito mais do que um ofício, o adolescente se pergunta o que quer ser, tornou-se uma questão de identidade, de um projeto de vida.

Essa escolha surge exatamente em um período bastante conturbado na vida do indivíduo, que é a adolescência, período no qual existem mudanças fisiológicas, ele percebe que não é mais criança, mas também não é adulto, está confuso quanto a quem é e se é capaz de escolher o que será profissionalmente.

“Tratando-se das dificuldades da escolha, Bohoslavsky (1993) afirma que é de se admirar que um indivíduo que passa por tantas mudanças internas possa ainda escolher a sua profissão.” (Apud OLIVEIRA & CHAKUR, 2000. p.167)

Na esperança de encontrarem um trabalho para fazerem o que gostem e ao mesmo tempo postergarem a adolescência alguns adolescentes permanecem na orientação vocacional como uma espécie de fuga.

Não suficiente há ainda uma certa angústia em optar por uma profissão e ter que trilhá-la, o receio de abandonar as fantasias, medo de crescer e tornar-se responsável pela própria vida e escolhas. De uma hora para outra o adolescente se vê diante da obrigação de decidir sua profissão, com relação a o que gosta de fazer e ainda deve ter em mente o mercado de trabalho para assegurar-lhe estabilidade financeira.

Diante disso a questão do vestibular deve ser delicadamente observada, pois para a grande parte dos adolescentes é uma fase excessivamente maçante. O jovem torna-se exposto, pois seus pais fazem a cobrança com relação aos estudos, os professores sempre repisando os conteúdos que provavelmente serão exigidos no vestibular, a escola observando se foram aprovados ou não, algumas com a intenção de fazer propaganda do seu cursinho. O ingresso



na faculdade simboliza para o adolescente o início da vida adulta, mas essa transição frequentemente vem cercada de pressão, seja dos amigos ou da família, o que só tende a aumentar a ansiedade e a apreensão que o jovem já tem nesta fase.

De acordo com Oliveira e Chakur, a maturidade social para o trabalho é influenciada pela cultura e pelo momento histórico que se está vivendo. Trata-se de um período no qual o indivíduo se defronta com vários modelos de vida, com novos valores sócio-culturais que promovem mudanças nos seus interesses e permitem a ele iniciar um processo de novas identificações e de reorganização interna. (OLIVEIRA & CHAKUR, 2000. p.156)

Pode-se verificar claramente tal situação, quando um jovem ao iniciar a orientação vocacional, se diz interessado em uma profissão, em seguida muda de ideia, em direções completamente opostas, antes ele queria fazer arquitetura, de repente descobre que quer fazer história e alguns ainda chegam a verbalizar que simplesmente não sabem mais.

Desta forma a área da orientação vocacional aumenta, pois novas situações surgem, novos paradigmas, novos dilemas, tanto para o adolescente quanto para o psicólogo que tem como função ajudar o jovem a identificar os seus interesses, para buscar traçar projetos de vida diante do contexto social e histórico no qual está inserido.

Ressalte-se que o autoconhecimento é essencial para a escolha da carreira profissional, sendo assim o psicólogo surge como ponte neste processo, ajudando-o a trazer a tona, de maneira realista, todas as características da própria história do adolescente, que contribuirão para que o jovem decida sua carreira não apenas pensando no mercado de trabalho e nem apenas nas suas idealizações de mundo.

## 2.2 - HISTÓRICO DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR FRENTE AOS LIMITES E POSSIBILIDADES

Para compreendermos a inserção da psicologia nas escolas no contexto atual, apresentaremos, neste capítulo, um breve resgate da construção histórica do campo e as diferentes formas e possibilidades de atuação do psicólogo escolar.

### 2.2.1 - Traçando um histórico do papel do psicólogo na escola

Segundo Guzzo *et.al.* (2010) a psicologia no Brasil é dividida em três períodos. O primeiro período, 1906-1930, se deu com a 1ª República sendo marcado por pelo modelo europeu com estudos de laboratório sem intervir na realidade. O segundo período, 1930-1960, teve como marco o tecnicismo de origem norte-americana. Já terceiro, a partir de 1960, intensifica o trabalho do psicólogo de forma mais adaptacionista onde se tinha a figura do psicólogo escolar como solucionador de problemas, especialmente quando se tratava de comportamento e aprendizagem. Nesse contexto, Oliveira & Marinho-Araújo (2009) ponderam que da forma adaptacionista e de correção emergiu a figura do psicólogo escolar, onde era convocado à escola para resolver problemas que surgiam neste espaço de formação.

A psicologia, enquanto instrumento aplicado às praticas educacionais, se origina justamente no final do século XIX, com o empenho de educadores e cientistas do comportamento em classificarem crianças com dificuldades escolares e proporem às mesmas métodos especiais de educação, a fim de ajustá-las aos padrões de normalidade definidos pela sociedade. (YAZLLE, 1997: p.15).

Andaló (1984) relata que a principal função da psicologia era associada a uma abordagem da Psicologia Escolar clínica, onde se aplicava testes psicológicos e fazia atendimentos acerca de “consertar” os alunos problemas, tendo uma associação com a área de saúde mental. Quando o aluno apresentava algum problema em sala de aula era encaminhado para o psicólogo, que passava a ser o responsável em solucioná-lo, por ser a pessoa mais “habilitada”, não sendo mais uma responsabilidade do professor. O psicólogo, então, tinha a função de fazer o diagnóstico do aluno com problema de aprendizado, quando encaminhado para a sua sala, e buscar corrigi-lo para que pudesse retornar à sala de aula “consertado”, se adaptando à instituição escolar. Nesta lógica, a escola é tida como a instituição que transmite o saber, na figura do professor, e se o aluno não o obtém, está nele o problema.

De acordo com Kupfer (2004) a sala da psicologia, então, teria basicamente duas funções: fazer os atendimentos e aplicar os testes. A sala se encontrava as margens da escola, caso não mais existisse, o contexto escolar permanecia o mesmo. Andaló (1984), nos alerta sobre uma visão contraditória da psicologia escolar. Ora o psicólogo é tido como o profissional mais habilitado para solucionar os problemas a cerca da escola, ora ele é o profissional dispensável.

Outra forma de atuação da psicologia é preventiva, prevenir no significado da palavra, “antecipar” ou “evitar” um comportamento ou ação. Acredita-se que a importância da formação adequada do psicólogo escolar, assim como sua responsabilidade profissional, está relacionada com uma atuação preventiva e cuidadosa de orientação psicológica frente ao ajustamento do indivíduo. Há, portanto, uma necessidade de se discutir e esclarecer a natureza de tal ajustamento (NOVAES, 1980).

Quando se trata de adaptação às mudanças entende-se que as perspectivas antes vivenciadas e esperadas passam por novos aspectos que geram oportunidades para possibilitar a construção de uma linguagem mais esclarecedora onde o psicólogo escolar deve ser o mediador dessa adaptação criando meios que levem o próprio profissional a discutir e analisar as estratégias para qualificar seu trabalho. Vale conscientizar o profissional da psicologia escolar da importância de seu papel como orientador e mediador, propondo e analisando as estratégias de atuação revelando-o como agente de mudanças para qualificar seu trabalho.

#### 2.2.2 - Uma crítica ao modelo individualizante onde “o problema” está voltado a cerca do aluno eximindo a responsabilidade dos fatores sociais

Para Kupfer (2004), durante algum tempo, onde os psicólogos escolares buscavam a resposta para a pergunta: “qual é o papel do psicólogo escolar?”, onde a psicologia se restringia em seu lugar delimitado, os psicólogos se depararam com uma nova problemática, os referenciais teóricos e as demandas da escola se confrontavam. Não seria possível estudar a criança, sendo ela a única e responsável pelos problemas escolares, se as peculiaridades sociais também fazem parte desse processo.

A crítica que Kupfer (2004) faz não é uma exclusão da psicologia clínica e sim da psicologia que a instituição escolar tenta implantar, onde os problemas de aprendizado são considerados como um problema individual do aluno, eximindo a responsabilidade dos fatores sociais, econômicos e políticos que influenciam o seu comportamento. Dessa forma, não basta tratar o aluno individualmente, sem entender o meio em que o mesmo está inserido.

Ainda hoje a escola tem dificuldade de rever suas práticas e se considera a detentora de saber sobre o que é melhor para crianças e jovens e sobre como a instituição deve funcionar. Dessa forma, a escola ignora que o problema possa estar nela e não no aluno. Por

isso, ainda vemos em muitas escolas a demanda pela atuação da psicologia se limitar ao atendimento clínico individual, onde o lugar do psicólogo escolar se restringe a sala da psicologia.

Entende-se que a discrepância de opiniões acerca do papel da psicologia escolar se deva ao percurso da psicologia desde seu surgimento até os dias atuais. Diante das muitas divergências externas e internas à própria área, a psicologia fica sem sustentação no desenvolvimento da profissão no âmbito escolar. Algumas temáticas centrais vêm ajudando a delinear novas possibilidades de atuação, como as definições de psicologia escolar e psicologia educacional, lócus de atuação do psicólogo escolar e novas possibilidades de ação junto à escola.

No entendimento sobre os termos psicologia escolar e psicologia educacional alguns estudiosos afirmam que se trata de áreas com especificidades distintas: uma relacionada à produção de conhecimentos psicológicos que se direcionam a educação, e outra, à aplicação dessas construções teóricas junto à comunidade escolar. Nesse sentido, Martinez (2006) afirma que:

A psicologia escolar é a expressão da psicologia no âmbito educacional, com predominância da aplicação dos saberes psicológicos no processo educativo e, ocasionalmente, com produção científica. Em seu próprio relato: “consideramos a psicologia escolar como um campo de atuação profissional do psicólogo (e eventualmente de produção científica) caracterizado pela utilização da psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo” (p.107).

O ano de 2000 trouxe muitas discussões teóricas acerca da atuação do psicólogo escolar. A atuação do profissional na instituição põe em questão a sua participação nos estágios de professores e na elaboração do projeto político pedagógico da escola mediante sua experiência buscando articular a psicologia no contexto escolar com desenvolvimento de novas estratégias de intervenções (MARTÍNEZ, 2007).

Atualmente no cenário brasileiro, em alguns estados como Distrito Federal, por exemplo, a psicologia escolar dispõe de uma organização mais estruturada, com psicólogos escolares atuando em equipes multidisciplinares de atendimento e apoio ao processo de aprendizagem na rede de ensino público. Esses profissionais contam, ainda, com formação continuada oferecida pela Universidade de Brasília desde 1995. Mas a realidade, na maioria dos demais estados brasileiros, é bastante diferente: “ainda nos defrontamos também com práticas avaliadoras e classificatórias e somos cobrados para desempenhar este papel em grande parte das instituições educacionais que frequentamos” (CRUCES, 2006).

No estado do Rio de Janeiro, em 2007, foi implantada a RPE (Rede de Proteção ao Educando) pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, reunindo políticas e ações das Secretarias Municipais de Educação (SME) e de Assistência Social (SMAS), incrementando, assim, a política macro funcional da prefeitura. A RPE é composta por 104 psicólogos lotados na SME, oriundos de concurso público da Secretaria Municipal de Saúde e distribuídos, regionalmente, pelas dez Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Além desses profissionais, a Rede conta com 119 assistentes sociais, lotados na SMAS, atuando nas/com as escolas públicas. A proposta desses participantes nas escolas era utilizar estratégias com os profissionais implicados com o processo escolar que privilegiam a abertura de espaços coletivos produtores de uma intensa interlocução transformadora da realidade instituída. A inserção dos profissionais da RPE nas escolas foi o ponto de partida para o exercício da construção de uma estratégia de trabalho coletiva - um campo de diálogo entre diferentes saberes: psicologia, serviço social e educação. (GUEDES *et.al.*, 2009).

Entende-se que a necessidade de refletir sobre desenvolvimento de teorias metodológicas, com novos conceitos, deva ser mais discutido para que a psicologia escolar venha desempenhar seu papel no processo ensino-aprendizagem, sendo inserida no contexto escolar, criando mais possibilidade de atuação na elaboração e implantação da proposta pedagógica da instituição escolar. Marinho-Araújo e Almeida (2005) destacaram:

É hora de a psicologia escolar intensificar reflexões na busca de maior criticidade à sua formação e atuação, diante de um cenário político-econômico que agudiza, ainda que de forma cada vez mais sutil, o controle social e as graves desigualdades que se configuram no panorama histórico atual (p.69).

### 2.2.3 - As diferentes formas e possibilidades de atuação

O Conselho Federal de Psicologia, na resolução CFP N.º 013/2007, define a especialidade a serem concedidas pelo Psicólogo especialista em Psicologia Escolar/Educacional a atuação no âmbito da educação formal onde realiza pesquisas, diagnósticos e intervenção em todos os segmentos do sistema educacional do processo ensino-aprendizagem (BOCK, 2007).

Em sua atuação, o psicólogo escolar está relacionado com uma ação participativa do corpo docente, do currículo, das normas da instituição, do material didático, do corpo discente

e demais elementos do sistema. Assim como, juntamente com a equipe educativa, implantar, avaliar e reformular currículos e projetos pedagógicos de políticas educacionais, desenvolvendo ainda novos procedimentos educacionais.

No âmbito administrativo, o psicólogo escolar:

- Contribui na análise e intervenção no clima educacional, buscando melhor funcionamento do sistema que resultará na realização dos objetivos educacionais;
- Participa de programas de orientação profissional com a finalidade de contribuir no processo de escolha da profissão e em questões referentes à adaptação do indivíduo ao trabalho;
- Analisa as características do indivíduo portador de necessidades especiais para orientar a aplicação de programas especiais de ensino;
- Realiza seu trabalho em equipe interdisciplinar, integrando seus conhecimentos àqueles dos demais profissionais da educação.

Os conhecimentos que o profissional da psicologia escolar amplia e desenvolve habilidades para atuar no setor administrativo educacional tais como: a) aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino-aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família-comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser; b) analisar as relações entre os diversos segmentos do sistema de ensino e sua repercussão no processo de ensino para auxiliar na elaboração de procedimentos educacionais capazes de atender às necessidades individuais; c) prestar serviços diretos e indiretos aos agentes educacionais, como profissional autônomo, orientando programas de apoio administrativo e educacional; d) desenvolver estudos e analisar as relações homem-ambiente físico, material, social e cultural quanto ao processo ensino-aprendizagem e produtividade educacional; e) desenvolver programas visando a qualidade de vida e cuidados indispensáveis às atividades acadêmicas; f) implementar programas para desenvolver habilidades básicas para aquisição de conhecimento e o desenvolvimento humano; g) validar e utilizar instrumentos e testes psicológicos adequados e fidedignos para fornecer subsídios para o replanejamento e formulação do plano escolar, ajustes e orientações à equipe escolar e avaliação da eficiência dos programas educacionais; h) pesquisar dados sobre a realidade da escola em seus múltiplos aspectos, visando desenvolver o conhecimento (BOCK, 2007).

Oliveira & Marinho-Araujo (2009) consideram que o objetivo principal de atuação do psicólogo escolar é mediar os processos humanos e de aprendizagem, contribuindo para sua

promoção. Atualmente o psicólogo escolar precisa se comprometer a modificar o processo de culpabilização e exclusão dos alunos que se prevaleceu como o foco de atuação em outros momentos históricos.

É preciso também abandonar as concepções e práticas que entende os fenômenos educativos sobre o prisma individual e dissociado do contexto sócio-histórico no qual está inserido.

Imersa em um contexto social cheio de transformações, a Psicologia Escolar tem construído atuações que buscam não somente abandonar um modelo que focaliza o problema no aluno. Ela tem se esforçado para integrar outras modalidades de trabalho que ampliem as possibilidades de sucesso dos atores envolvidos, superando as práticas psicológicas que tratam a dificuldade de aprendizagem ou o fracasso escolar como um problema individual ou do meio familiar (OLIVEIRA & MARINHO-ARAÚJO, 2009: p. 659).

Para uma intervenção do problema escolar mais efetivo é preciso trabalhar com diferentes autores da equipe pedagógica. Andrada (2005) considera importante uma reunião inicial com a equipe pedagógica, espaço este onde o psicólogo escolar demonstra sua visão acerca dos problemas de aprendizado, as diferentes estratégias que ele tem para oferecer que não se caracteriza apenas no atendimento individual na sala da psicologia. Criar parcerias e trabalhar juntamente com a equipe pedagógica. Além disso, o psicólogo aproveitará desse espaço para colher dados concretos acerca da escola. O trabalho em conjunto se dá não apenas com a equipe multidisciplinar, mas também com a família do educando para obter informações dos sistemas em que participa. Desse modo, é possível identificar a dificuldade do aluno e refletir e analisar sobre o possível problema (ANDRADA, 2005).

Andrada (2005) pondera que o psicólogo escolar, mediante informações sobre as atitudes do aluno, identifica e analisa o problema, e pode criar estratégias de ação que, juntamente com o professor e a família, possibilita o sucesso do mesmo. Contando com a participação de todos, no processo de identificação das dificuldades, possibilita a atuação do profissional criando um espaço de diálogo onde todos podem confrontar as dificuldades, que podem não ser só do aluno.

Como lembra Guzzo *et.al.* (2010), o psicólogo escolar vem se consolidando e propondo novas formas de intervenções, não apenas nas escolas, mas em todo o contexto educativo indiretamente relacionado ao contexto escolar.

Não se trata de indagar sobre o “professor problema”, o “aluno repetente”, a “família incompleta”, mas sobre os modos como essa coletividade vive e produz seus valores, suas normas, seus sentidos. Enfim, analisar os fracassos ou as conquistas escolares como parte integrante da escola, e esta como expressão das formas que a vida assume na sociedade (ROCHA, 2004: p. 201).

Andrada (2005) evidencia que o psicólogo escolar deve estar presente no cotidiano escolar, participar efetivamente das reuniões de conselho de classe, onde poderá estabelecer novas maneiras de olhar os alunos, evitando rótulos, diagnósticos imprecisos e hipóteses únicas. O psicólogo escolar precisa criar um espaço de escuta das demandas da escola, onde todos os agentes possam ser atendidos, sejam eles alunos, pais ou funcionários, feitos em grupos ou em atendimentos individuais e pensar maneiras de lidar com situações que são cotidianas.

Oliveira & Marinho-Araujo (2009) apontam que no mundo contemporâneo, vivemos um novo cenário da psicologia e educação, cenário esse que se espera ações diferenciadas e transformadoras no desenvolvimento e a aprendizagem de todos os envolvidos no cotidiano escolar enriquecendo esse campo do conhecimento.

### **3. METODOLOGIA**

Neste trabalho, tomamos como campo de investigação uma escola particular localizada no município de Campos dos Goytacazes onde foi realizado o estágio em Psicologia Escolar, durante o período de 24 de agosto de 2016 a 13 de dezembro de 2016. No estágio, pudemos acompanhar o trabalho da psicóloga escolar, desenvolver atividades com os alunos, e realizar uma entrevista com a direção da escola. Partirmos dessa experiência para entender o paradigma da escola modelo empresarial, seu percurso histórico, dificuldades encontradas na atuação do psicólogo e possíveis atuações frente a esse modelo. Sobre a instituição onde foi realizado o estágio:

A escola particular em que realizamos o estágio teve a sua fundação no ano de 1996 e contava apenas com o pré-vestibular. Hoje a instituição atende desde o fundamental I até o pré-vestibular, em 20 anos de funcionamento obteve mais de 11 mil alunos. Possui um amplo espaço físico e prédios conservados, havendo espaços de lazer para os alunos e laboratórios.

A escola trabalha com sistema Anglo de Ensino e tem como objetivo principal



preparar os alunos para prestarem vestibular. É uma das escolas mais renomadas no município de Campos dos Goytacazes, tendo como público alvo a classe média/alta e um ensino laico. Sobre as atividades realizadas:

Meu estágio foi realizado duas vezes por semana com a carga horária de oito horas semanais. A minha proposta de estágio num primeiro momento foi acompanhar a psicóloga da instituição e posteriormente ajudá-la nos atendimentos aos alunos, pais e funcionários e em dois projetos implantados pela psicóloga: orientação vocacional e encontro de gerações. Os atendimentos se davam na sala de psicologia, uma vez por semana, no horário de recreio dos alunos, durando em torno de 10 minutos, para que não perdessem todo o intervalo. Eu, particularmente, não concordava com esse horário, pois estávamos tirando um, se não o único, momento de lazer dos alunos. Os encaminhamentos eram feitos pela coordenação pedagógica e os encaminhados eram alunos com dificuldade no aprendizado ou mau comportamento em sala de aula. Esses atendimentos tinham um único objetivo: fazer com que os alunos voltassem “consertados” para sala de aula.

O projeto de orientação vocacional foi desenvolvido com os alunos do 3º ano do Ensino Médio com o intuito de facilitar o autoconhecimento, o conhecimento das profissões, o mercado de trabalho e as formas de se capacitar para exercer a profissão. Como os alunos não têm disponibilidade de horário, por estudarem no turno da manhã e da tarde, é feito o POPI (Projeto de Orientação Profissional Intensivo) durante um final de semana (sábado e domingo) no turno manhã e tarde, no primeiro semestre letivo. Infelizmente não pude acompanhar o projeto, pois nesse período ainda não tinha iniciado meu estágio na escola.

No segundo semestre, acontece mesas redondas com profissionais de diversas áreas para que os alunos possam tirar dúvidas acerca das profissões, porém no ano referente ao estágio aconteceu apenas uma mesa redonda. Quando iniciei na escola, a psicóloga me convidou para a inserção no projeto. Fizemos o folder do evento e convidamos os profissionais de direito, matemática, engenharia e psicologia para que compusessem a mesa. Medicina havia um grande interesse, por parte dos alunos, mas infelizmente não houve disponibilidade dos profissionais que conseguimos entrar em contato.

O encontro de gerações é realizado com os alunos do Ensino Fundamental I e foi fundado para que os alunos pudessem ter um maior convívio com pessoas mais velhas. Essa necessidade se deu pela dificuldade dos alunos em se adaptarem com professores de mais idade. O encontro foi realizado em um único encontro, num café da tarde, onde os avós dos alunos foram convidados a participar. Cada turma ficou responsável por uma atividade que

seria realizada no dia do evento. O encontro aconteceu na quadra da escola, o ambiente bem agradável e receptivo. O evento aconteceu no turno da tarde e não pude participar, mas posteriormente obtive relatos sobre o mesmo, foi uma tarde bem agradável onde os alunos se empenharam bastante nas apresentações: peça de teatro e musical.

Durante o estagio, tive a oportunidade de entrevistar a diretora da instituição, o roteiro da entrevista consta no anexo I, a atividade foi proposta pela supervisora do estagio em psicologia e educação com o objetivo de compreender sobre como era sua visão a cerca da escola e o papel do psicólogo escolar dentro da instituição; o modo de funcionamento da escola e como o aluno estava inserido nesse contexto. A diretora achou melhor não responder algumas perguntas, pois segundo ela, a coordenadora pedagógica me responderia melhor. Um ponto marcante, é que segundo a diretora não há evasão escolar, porém ouvi relatos de alunos dizendo que não se adaptaram a escola e que não permaneceriam mais na mesma, mas o ponto que mais nos chama a atenção é o modelo "encaminha para", da instituição.

Após cada visita à escola foi realizado um relatório, que foi utilizado na análise dos dados. Através do estágio, pude ter ambas as experiências, a de poder observar o trabalho desenvolvido pela psicóloga escolar e como é praticá-lo e, com isso, repensar algumas práticas, os limites e as possibilidades em desenvolver os atendimentos com os alunos e os projetos envolvendo as turmas.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS**

Nesta seção temos como objetivo analisar os relatórios das observações e das experiências vivenciadas durante o período de estágio em psicologia escolar, numa escola particular no município de Campos dos Goytacazes-RJ. Dividimos a análise do material empírico em dois eixos: XXXXXXXX

##### **4.1. OS CONFLITOS E OS SOFRIMENTOS VIVIDOS PELOS JOVENS NA ESCOLA**

A sala da psicologia se localiza num prédio distante da coordenação, e dos demais locais onde tem um fluxo maior de pessoas, fica próxima ao espaço de lazer dos alunos.

Durante o período de intervalo são marcados os atendimentos com a psicóloga, que devem ser breves para não atrapalhar a rotina escolar. Os alunos não podiam ser atendidos em horário de aula para não serem prejudicados no aprendizado dos conteúdos das disciplinas. Excepcionalmente quando isso acontecia, o professor deveria ser comunicado. Houve uma situação em que duas alunas estavam em atendimento com a psicóloga e o inspetor de alunos ir à sua sala para procurá-las. Esta situação já deixa claro o lugar de marginalidade que a psicologia ocupa na escola, onde só é considerada relevante quando solicitada para “solucionar os problemas dos alunos”, sem que sua atuação possa interferir na dinâmica escolar.

Durante o período de estagio foram atendidos individualmente 16 alunos, destes oito se queixavam de notas baixas e, conseqüentemente, apresentavam baixa autoestima. Isto diz muito sobre o modelo pelo qual funciona a instituição, se o aluno não está se saindo “bem”, é encaminhado para a sala da psicologia.

O relato do aluno I aponta para uma sobrecarga de atividades, escolares e de contraturno, que crianças e jovens se envolvem para poder se inserir e obedecer à lógica competitiva, instaurada no mundo contemporâneo. Cada dia os alunos passam mais tempo estudando para entrar numa boa faculdade, que no futuro lhe traga um bom trabalho e lhe dê um bom retorno financeiro. Essa “falta de tempo” não se restringe apenas aos alunos, mas também ao cotidiano dos seus pais. Como podemos ver nas falas abaixo:

“Eu não tenho mais tempo para nada, estudo de manhã, vou para casa e almoço correndo, depois tenho aula de inglês e quando não tenho inglês, tenho pilates. Quando chego a casa, à noite, não tenho disposição para mais nada, quero me trancar no quarto e chorar. Já tentei conversar com os meus pais sobre minha situação, mas eles dizem que precisam trabalhar mais para ganhar mais dinheiro para conseguirem pagar as coisas.” (Aluno I).

A mãe do aluno II foi chamada na escola porque ele estava com notas baixas em inúmeras disciplinas. Segundo ela, o jovem não estudou para as provas do 1º semestre e que estava contando com a prova final, no fim do semestre. Porém, também segundo a mãe, ele não teria se dado conta que assim haveria um acúmulo de matérias e que não daria conta de rever todo o conteúdo. A mãe relata que ela e o pai do jovem trabalham e não podem ficar cobrando que o filho estudasse, e que isso deveria partir dele. A sua afeição e fala era de uma pessoa bem chateada e a todo o momento pedia ajuda da psicóloga para lidar com a situação apresentada. O aluno foi punido por diversas formas por suas notas baixas. A principal foi não poder ir às olimpíadas de tênis de mesa, deixando de jogar com um jogador profissional que ele era fã.

Posteriormente o aluno foi chamado à sala da psicologia, para que pudéssemos ouvir dele o que se passava. Assim que ele chegou, a psicóloga lhe perguntou o que aconteceu e começou a chorar, assim que se acalmou, disse: “eu não estudei”. O jovem disse que parou de jogar tênis, pois “perdeu a graça”. Além de algumas “doenças físicas”, como a diarreia e a febre, apresentava sofrimento psíquico. Então, a psicóloga disse que ele tinha capacidade de melhorar suas notas e recuperar, e que ela acreditava nele, mas que ele também tinha que acreditar e estudar. O recomendou assistir o filme, enfrentando gigantes e disse que gostaria que ele fosse uma vez por semana conversar comigo. O jovem disse que iria retornar e que tinha começado a mudar seu comportamento, se sentando na frente, prestando atenção nas aulas e tirando sempre suas dúvidas com os professores.

A escolha profissional também é uma questão conflituosa para os alunos, que precisam terminar o ensino médio já tendo a certeza do que ser no futuro, pois o mercado de trabalho está competitivo, e não se pode “perder tempo”. Quando o aluno não tem certeza do que fazer, a escolha profissional se torna um grande sofrimento. Recebemos na sala da psicologia quatro alunas que foram entregar um questionário que a psicóloga pediu para elas preencherem. As alunas estavam muito inseguras sobre qual profissão seguir, sentiam uma pressão muito grande, não só da sociedade, mas de seus pais também, pois não bastava saber o que fazer tinha que ser uma profissão que trouxesse um bom retorno financeiro. Então, a psicóloga foi analisando os questionários juntamente com as jovens e elas foram falando sobre suas incertezas e as possíveis profissões a seguir.

O mundo contemporâneo se tornou um mundo competitivo, onde temos que estar sempre “à frente” do nosso tempo, possuir boas notas, bons cursos, para que possa se sobressair mais que o outro. No entanto, qual certeza o futuro trará que este esforço será recompensado? É esse o grande conflito que muitos jovens apresentam: viver o aqui agora já que o futuro é “inseguro” ou se privar no presente para maior probabilidade de sucesso depois? O relato do aluno III mostra esse dilema: “A semana de prova está se aproximando, e eu gostaria de aproveitar esse final de semana de feriado prolongado para estudar mais, mas meus pais querem ir para Búzios, mas eu não queria ir.” A fala da jovem nos dá visibilidade do problema instaurado, que é como conciliar o tempo de lazer e de convivência com a família com uma rotina excessiva de estudos.

Outro exemplo que retrata bem essa questão foi o encaminhamento da coordenação pedagógica para o setor de psicologia de uma aluna que estava fazendo muita bagunça em sala de aula. Ouvindo a jovem pudemos entender mais sobre o que estava acontecendo:

“Meu acúmulo de estresse se dá por conta do acúmulo de matérias a ser estudada... Minha válvula de escape é jogar vôlei, mas meu medo de errar e com isso ser caçoada pelos meus amigos acaba fazendo com o que eu não saia tão bem na hora do jogo, e assim sou zoada pelos amigos do mesmo jeito, isso me estressa ainda mais. (Aluno IV).”

A fala da jovem acima diz muito sobre os conflitos vivenciados na escola marcados pelo estresse pela sobrecarga de estudos e o medo de fracassar, de não atender às expectativas dos outros, o que faz com que se sintam pressionados.

Além dos alunos encaminhados por causa do desempenho acadêmico, também recebemos quatro alunos que se queixavam de estar sofrendo bullying na escola. Em dois casos nenhuma ação foi colocada em prática, a queixa foi apenas recebida pela equipe de psicologia. Nos outros dois casos, ouvimos os jovens que estavam sofrendo bullying e os seus agressores, na sala da psicologia, e a ação se encerrou ali. Não houve um trabalho com a turma na qual o bullying acontecia. Poderia ter sido importante conhecer a rotina desses alunos em aula e assim traçar ações possíveis na escola. A meu ver ir à sala da psicologia saiu mais como uma punição do que uma forma de pensar junto numa ação mais eficaz. É importante ressaltar que essas queixas aconteceram no ano quando o bullying foi escolhido como tema a ser abordado e debatido com os alunos e, mais especificamente, na semana de comemoração da semana do aniversário da instituição.

Um dos casos apareceu durante uma dinâmica feita pela psicóloga na semana de comemoração do aniversário da escola cujo tema era bullying. Uma aluna se mostrou afetada e começou a chorar muito. A psicóloga me pediu para que eu a levasse para outro local onde pudesse ouvi-la e entender o que estava se passando. A aluna relatou ter sofrido bullying na antiga escola em que estudava e que, na atual, ela também não tinha muitos amigos. Ela se sentia solitária, com uma rotina corrida e cansativa. Ela também não tinha muito convívio com os pais em casa, pois trabalhavam muito e não tinham tempo para estar com ela.

A cada dia pais e filhos estão tendo menos contato. Pais que trabalham demais, filhos envolvidos em inúmeras atividades diárias, a tecnologia substituindo a comunicação ao vivo e o afeto se perdendo. Jovens e adultos vivem em mundos distintos, que não dialogam entre si. Com o tempo, a comunicação se torna ainda mais escassa, cada um se volta para os seus afazeres, pois os interesses não são mais os mesmos. Acabam sendo gerações distintas com pouco em comum, cada um “em seu mundo”.

Durante a entrevista, a diretora me relatou que não havia muitos casos de evasão da instituição. No entanto, o desejo de sair da escola se mostrou presente na fala de dois alunos,

seja por não conseguirem acompanhar o ritmo de cobrança de desempenho, seja por sofrerem bullying:

“Estou sofrendo bullying por um grupo de alunos na sala de aula e são ofensas graves, isso me chateia bastante e por conta disso não quero mais permanecer na escola, pretendo retornar para a antiga escola”. (Aluno V)

“Estou com minha auto-estima abalada, não acredito mais em meu potencial. Enquanto minha mãe me trazia para a escola, disse que ela não acreditava mais que vou passar de ano, que eu não seria capaz de recuperar todas as notas baixas. E com isso, já havia me matriculado em uma escola pública.” (Aluno VI)

O aluno VI, nesta passagem, fala do sofrimento vivenciado, onde o seu mau desempenho é internalizado, fazendo com que ele desacredite do seu potencial, se sentindo inferior e não merecedor de permanecer em uma instituição considerada boa. Os alunos que não conseguem se manter numa escola privada por causa do desempenho, muitas vezes, acabam migrando para a escola pública. Esta acaba sendo o lugar acolhedor dos alunos que já estão desacreditados do seu potencial, que se veem como os “não capazes”.

Os exemplos apresentados acima caracterizam bem o modo de funcionar da instituição e o quanto essa pressão pelo bom desempenho nas provas pela escola e pela família gera sofrimento para os jovens. A psicologia escolar fica restrita à sala de psicologia, ao atendimento individual, não fazendo parte do corpo da equipe multiprofissional que trabalha em conjunto para a melhoria da instituição como um todo. Dessa forma, é uma atuação profissional individual, não uma ação voltada para a instituição que poderia atingir um maior número de alunos.

## 4.2 REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR

O modelo de encaminhamentos e os atendimentos individuais mostram uma atuação profissional não voltada para a instituição. Quando um problema é apresentado se caracteriza como um evento, não há um trabalho contínuo e nenhuma ação coletiva. O problema está sempre voltado ao aluno, que demanda uma atuação individual, não olhando para as relações e a organização da escola. Dessa forma, as práticas implantadas na instituição não são questionadas. A entrevista com a coordenadora reafirmou aquilo que mais me havia afetado durante o período de estágio: os encaminhamentos feitos pela instituição para a psicologia. Nestes se fazia notório que estavam mais preocupados em resolver os “alunos problemas” ao

invés de se questionarem sobre o porquê de tantos encaminhamentos. Como podemos perceber na fala a seguir:

“Quando um aluno apresenta alguma dificuldade acerca da aprendizagem, mau comportamento ou bullying o aluno é encaminhado para a orientação educacional, a escola oferece reforço, caso não resolva é encaminhado para a sala da psicologia e se houver necessidade os pais ou responsáveis são acionados.” (Diretora B)

Não há um diálogo entre a psicologia e a coordenação, se a psicóloga não o faz, ele não acontece. A forma pela qual a coordenação encara a não necessidade deste diálogo se caracteriza bem num acontecimento presenciado durante o estágio. O telefone da sala de psicologia foi cortado, sem aviso prévio. Fomos pegadas de surpresa sem telefone na tentativa de comunicação com a coordenação, pois segundo a mesma seria o local na escola que menos faria falta.

A falta do diálogo e de parcerias não se restringe apenas à coordenação, mas também com os professores. As queixas apresentadas pelos alunos acerca das dificuldades nas matérias, se restringem à sala da psicologia. Dessa maneira, não se pensa coletivamente com os professores na construção de estratégias possíveis de melhorar o processo de ensino-aprendizado, o que há é uma tentativa de adaptação do aluno. Algumas falas de motivação da psicóloga frente ao aluno, “você consegue”, “você é capaz”, “basta você querer”, entre outras reforçam este lugar individualizante. Como vemos, na fala a seguir “você tem capacidade de melhorar suas notas e recuperar, eu acredito em você, mas você também precisa acreditar e estudar.” (Psicóloga C) A fala da psicóloga faz referência à idéia de meritocracia, onde o processo de alavancamento profissional e social é uma consequência dos méritos individuais de cada pessoa, ou seja, dos seus esforços e dedicações.

O mundo contemporâneo se tornou algo tão competitivo, que os desejos e prazeres estão ficando cada vez mais escasso, dando lugar às tarefas que futuramente lhe darão um “resultado” financeiro. A forma como a escola se apresenta em sua página mostra essa busca de “recompensa” futura, “mais de 5 mil aprovações no vestibular e estivemos sempre entre os primeiros colocados de Campos no ENEM.” A queixa que faço aqui não se dá apenas para a escola em que estagiei e sim ao sistema, a essa lógica competitiva que se instaurou sobre os alunos, aonde o lucro vem acima dos desejos. “As escolas cada vez mais se parecem com as indústrias e presídios, com portões, grades, muros, vigilantes, horários estipulados de entrada e saída, uniforme obrigatório, intervalos e sirenes indicando o início e o fim das aulas.” Entre os Muros da Escola (Laurent Cantet 2008).

O principal trabalho da psicóloga na escola é a Orientação Vocacional com o ensino médio, o que caracteriza bem o modo de funcionamento da escola, os alunos do terceiro ano são convidados a participar do POPI ((Projeto de Orientação Profissional Intensivo), e no final do ano é feito um laudo que será entregue ao aluno, nesse laudo contem as características dos alunos e a profissão que se identifica.

Não estava presente nesse evento, pois ainda não tinha iniciado meu estágio, mas fui solicitada a realizar juntamente com a psicóloga esses laudos. Senti uma dificuldade muito grande em fazê-los, pois na maioria, não falava muito da personalidade dos alunos, faltava muitos detalhes, o registro que havia era da escolha da profissão em si do aluno. Senti-me muito mal enquanto fazia, mesmo enviando todos para a análise da psicóloga, pois sabia que poderia está faltando muitos traços da personalidade da pessoa e talvez estivesse colocando outros que não teriam tanto haver. E então me questionava e também questionava a psicóloga, que eram muitos alunos, consequentemente muitos laudos e que a mesma não daria conta de tudo isso, e as pessoas que o ajudaram no dia, não estariam posteriormente para dar continuidade no trabalho, até que ponto era feito aquilo que se comprometia? Qual a real veracidade desses laudos?

Apesar das dificuldades apresentadas, foram possíveis algumas conquistas, como a importância de repensar as práticas, questionar o modelo implantado na escola, mas a principal delas foi um levantamento feito dos atendimentos durante o período de estágio e que 50% delas se queixavam de baixa autoestima. Então, a partir desse levantamento, a psicóloga quer iniciar um projeto para trabalhar a autoestima dos alunos, pois a mesma ainda não tinha se dado conta deste numero tão alarmante e caracterizador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos dias atuais, por mais relevante e necessária que a educação possa ser, crianças, jovens e adultos não apresentam um interesse primordial em sua própria educação. Nota-se um desinteresse unânime com a educação escolar. Esse desinteresse dos alunos pelo estudo é proveniente de vários fatores tais como: desestruturação familiar, conteúdos que não condizem com a expectativa dos alunos, metodologias ultrapassadas, dificuldade de motivação fazendo com que os alunos passem a ver o estudo como obrigação e não como uma contribuição ao seu desenvolvimento pessoal.



Não obstante, há ainda uma certa angústia em optar por uma profissão e ter que trilhá-la, o receio de abandonar as fantasias, o medo de crescer e tornar-se responsável pela própria vida e escolhas. Repentinamente, o adolescente se vê diante da obrigação de decidir sua profissão, com relação ao que gosta de fazer e ainda deve ter em mente o mercado de trabalho que lhe assegurará estabilidade financeira.

O que ficou notório para mim é que a lógica que se instaurou, não apenas na escola que acompanhei como nas demais escolas particulares, é gerar uma massa de pessoas obedientes e competitivas. Dessa forma, o trabalho da psicologia em muitas escolas ainda é restringido ao papel, de “consertar o aluno problema”, fazer com que esse aluno se enquadre nas normas imposta a ele.

Pude perceber que todos os encaminhamentos de alunos feitos pela coordenação estavam diretamente ligados a notas baixas dos alunos. Onde a função da psicologia era trabalhar com a auto-estima desse aluno, que se obriga a corresponder à demanda social de formação para obedecer às exigências que lhes são impostas. Mas essa imposição deve ser oferecida dando autonomia à criança para que desenvolva suas habilidades de forma prazerosa, o que vai estimular seu interesse em ir para a escola e entender o porquê da necessidade de participar do processo de ensino-aprendizagem.

Uma escola transformadora, que se preocupa com o futuro de seu aluno, precisa potencializar a convivência democrática, estimulando o aluno a perceber a escola e o professor não como um rival ou aquele que impõe regras, que devem ser executadas não somente por obrigação, mas com sua participação para seu próprio desempenho e satisfação, de forma que o ajude a crescer e que isso possa influenciar positivamente na sua formação e futura profissão.

Aguçar a curiosidade dos alunos para chamar-lhes a atenção quanto ao conteúdo a ser estudado é uma forma de mediar de forma significativa o aprendizado a ser adquirido, pois o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula.

Neste sentido, acredita-se que a importância da formação adequada do psicólogo escolar, assim como sua responsabilidade profissional, está relacionada com uma atuação preventiva e cuidadosa de orientação psicológica frente ao ajustamento do indivíduo, “antecipando” ou “evitando” um comportamento ou ação, mediante o empenho pessoal do aluno, motivando e estimulando o interesse no aprendizado e levando-o a se esforçar no presente, para que no futuro ele tenha mais chances de adquirir um bom emprego.

## REFERÊNCIAS

ANDALÓ, CSA. O papel do psicólogo escolar. **Psicologia, Ciência e Profissão**; v.4, n.1: pp. 43-46. Brasília: 1984. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v4n1/09.pdf>>. Acesso em: jan., 2017.

ANDRADA, EGC. *Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar*. In: BIZARRO, L. **Psicologia: Reflexão e Crítica**; v.18, n.2: pp.196-199, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v18n2/27470.pdf>>. Acesso em: mar., 2017.

BOCK, AMB; *et.al.* **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia: a Psicologia da aprendizagem**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. **LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961: Revogada pela Lei nº 9.394, de 1996, exceto os artigos 6º a 9º. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm)>. Acessada em 21 de out de 2017.

\_\_\_\_\_, AMB. Resolução CFP N.º 013/2007. Disponível em: <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao\\_CFP\\_nx\\_013-2007.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf)>. Acesso em: mai., 2017.

CASTRO, L. R. **O futuro da infância e outros escritos: as crianças e a escola: ao encalço da “longa revolução”**. 1ed; Rio de Janeiro: 7 Letras, pp. 109-143. 2013.

\_\_\_\_\_, L. R; *et.al.* **Falatório participação e democracia na escola: autoridade e liberdade na escola**. Rio de Janeiro. 2010.

CAMPOS, HR; JUCÁ, MRBL. **O psicólogo na escola: avaliação da formação à luz das demandas do mercado**. Em S. F. C. de Almeida (Org.), *Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional* (pp. 37-56). Campinas, SP: Alínea. 2003.

COUTO, Gleiber. PIRES, Sanyo Drummond. NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva. Orgs. **Os contornos da psicologia contemporânea: temas em avaliação psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

CRUCES, AVV. (2006). *Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade*. In: S. F. C. Almeida (Org.). **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação do profissional**. Campinas: Alínea, pp.17-36. 2006.

ENTRE os Muros da Escola. Direção: Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo e CaroleScotta. Paris: Imovision, 2008. 1 DVD.

ESTEVIÃO, CV. **Educação, conflito e convivência democrática**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v.16, n.61: pp.503-513. 2008.

GEORGEN, P. **Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades**. Educação e Sociedade, v.28, n.100: pp.737-762. 2007.

GUEDES, A. *et.al.* Psicólogo na escola pública do Rio de Janeiro: desafios na construção de outros possíveis. 2009. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/267.%20psic%20D31ogo%20na%20escola%20p%20DAblica%20do%20rio%20de%20janeiro.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/267.%20psic%20D31ogo%20na%20escola%20p%20DAblica%20do%20rio%20de%20janeiro.pdf)>. Acesso em: mai., 2017.

GUZZO, R. *et.al.* **Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação**. v.26, n. especial: pp.131-141. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722010000500012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500012)>. Acesso em: abr., 2017.

KUPFER, MCM. O que toca à/a psicologia escolar. **In: MACHADO, AM; SOUZA, MPR.** (Orgs). **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo. pp. 55-65. 2004.

LEITE, CR; TOCORNAL, P. V. **Convivência Escolar: Uma reflexão a partir do ponto de vista do professor e do aluno**. Imagens da Educação; v. 2, n. 3, pp. 45-53. 2012.

MARINHO-ARAÚJO, CM; ALMEIDA, SFC. **Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional**. Campinas: Alínea. pp. 69. 2005.

MARTÍNEZ, AM. O psicólogo escolar e os processos de implantação de políticas públicas: atuação e formação. **In: Campos, HR.** (Org.), **Formação em psicologia escolar: realidades e perspectivas**. Campinas: Alínea, pp.109-133. 2007.

NOVAES, MH. **Psicologia escolar**. Petrópolis: Vozes Ed. 1980.

NUNES, COC. **Investigação sobre os hábitos de estudo e pesquisa de alunos do ensino médio**. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). PUCRS, Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, CBE; ARAÚJO, CM. Psicologia escolar: cenários atuais. Rio de Janeiro: v.9: pp.648-663. 2009.

OLIVEIRA, MBL; CHAKUR, GSL. Adolescência e escolha profissional. Educação, Psicologia e contemporaneidade: Novas formas de olhar a escola. Taubaté. 2000.

ROCHA, ML. **Psicologia e educação**: resgate e produção de histórias. v.1, n.0: pp.199-202. 2004.

SILVA, PS. A relação aluno-professor no processo de ensino aprendizagem. **Revista Espaço da Sophia**. São Paulo. Mensal, ano I, nº 07, Out., 2007. Disponível em: <<http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/a%20relacao%20professor%20aluno%20no%20processo%20ensino%20aprendizagem.pdf>> Acesso em: mai., 2017.

VALENTINI, Deborah Bulgarelli. **Orientação Vocacional: O que as escolas tem a ver com isso?** Campinas: Papirus, 2014.

YAZLLE, EG; SALOTTI, MRR; SOUZA, M. **Psicologia na Escola**: um pouco de história e algumas histórias. São Paulo: Arte e Ciência, p.15. 1997.

## ANEXO – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A DIRETORA:

Município: \_\_\_\_\_ Código (IBGE):

Escola: \_\_\_\_\_ Código Censo Escolar:

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Nome do(a) diretor(a): \_\_\_\_\_

Data: / / 2016

### Características da escola

1. Ano de início das atividades:

2. Breve histórico sobre a Unidade Escolar e as principais características do entorno:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Esta Unidade Escolar oferece atendimento em: (pode indicar mais de uma alternativa)

<input type="checkbox"/>	1. Creche
<input type="checkbox"/>	2. Pré - escola
<input type="checkbox"/>	3. Ensino Fundamental - I
<input type="checkbox"/>	4. Ensino Fundamental -II
<input type="checkbox"/>	5. Ensino Médio
<input type="checkbox"/>	6. Educação de Jovens e Adultos

4. Informe o total de profissionais, segundo o tipo de vínculo:

Tipo de Vínculo	Profissionais							Total
	Diretor	Orientador** Pedagógico	Professor de turma	Professor de outras áreas	Auxiliar	Psicólogo	Assistente social	
1. Concursado								
2. Contratado								
3. Outro (*)								

(\*) Inclui terceirizados, parceiros, estagiários, voluntários etc.

(\*\*) Coordenador, supervisor ou outro cargo relacionado à orientação pedagógica

**5. Tempo de atuação do Diretor (a):**

5.1. Tempo de magistério:  1.Anos       2. Meses

5.2. Tempo de Diretor nesta Unidade Escolar:  1.Anos       2. Meses

**6. Informe sobre o espaço físico da escola ( se possível, fotografar os espaços sem crianças)**

<b>Espaços</b>	<b>Sim/ Quantos?</b>	<b>Não</b>
1. Salas de atividades/turmas		
2. Salas de secretaria, direção, coordenação, professores		
3. Cozinha		
4. Refeitório		
5. Pátio coberto		
6. Pátio externo/espço ao ar livre		
7. Auditório/anfiteatro		
8. Sala de artes		
9.Sala de corpo, som e movimento		
10- Biblioteca/sala de leitura		
11- Brinquedoteca		
12. Outros:		
Observações: _____		

**ENTREVISTA COM DIRETOR**

**BLOCO II: Proposta Pedagógica e Planejamento**

**7.. Como são planejadas as atividades na escola? (descrever)**

---

---

---

---

---

**8. Há espaços e tempos destinados ao trabalho coletivo?**

1. Sim
2. Não

**Quais?**

---

9. Em caso afirmativo, como ocorrem a troca e a cooperação no trabalho pedagógico?

---

---

---

---

---

10. A instituição tem uma proposta pedagógica sistematizada em documento ou texto?

<input type="checkbox"/>	1. Sim
<input type="checkbox"/>	2. Não (vá para a 14)
<input type="checkbox"/>	3. Em elaboração

11. Você participa(ou) da elaboração da proposta pedagógica?

<input type="checkbox"/>	1. Sim
<input type="checkbox"/>	2. Não

12. Quem participou da sua elaboração? (pode indicar mais de uma alternativa)

<input type="checkbox"/>	1. Professores
<input type="checkbox"/>	2. Diretor
<input type="checkbox"/>	3. Orientadores pedagógicos
<input type="checkbox"/>	4. Técnicos da secretaria de educação
<input type="checkbox"/>	5. Outros funcionários da secretaria
<input type="checkbox"/>	6. Consultor
<input type="checkbox"/>	7. Familiares
<input type="checkbox"/>	8. Crianças
<input type="checkbox"/>	9. Não sei
<input type="checkbox"/>	10. Outros: Especifique

13. O que você poderia destacar de mais relevante da proposta pedagógica da escola?

---

---

---

---

---

14. Há reuniões coletivas para o planejamento?

<input type="checkbox"/>	1. Sim
<input type="checkbox"/>	2. Não (vá para a 17)

15. Em caso afirmativo, quem participa?

<input type="checkbox"/>	1. Professores
<input type="checkbox"/>	2. Diretor
<input type="checkbox"/>	3. Orientadores pedagógicos
<input type="checkbox"/>	4. Psicólogo escolar
<input type="checkbox"/>	5. Técnicos da secretaria de educação

	6. Outros funcionários da secretaria
	7. Consultor
	8. Familiares
	9. Crianças e jovens
	10. Outros. Especifique:

**16. Qual a periodicidade e a duração dessas reuniões?**

1	Periodicidade		1. Semanal
			2. Quinzenal
			3. Mensal
			4. Bimestral
			5. Outra. Qual _____
2	Duração (em horas)		

**17. Os pais /responsáveis têm acesso cotidiano à sala de atividades das crianças?**

	1. Sim
	2. Não

**18. Em que situações os pais/responsáveis podem entrar na escola? (pode indicar mais de uma alternativa)**

	1. Sempre/ em qualquer horário
	2. Só na entrada para levar e na saída para buscar as crianças
	3. Quando chamados
	3. Nunca
	4. Outra situação. Especificar:

**19. Como é feita a troca de informações com as famílias e responsáveis? (pode indicar mais de uma alternativa)**

	1. Agenda
	2. Comunicação informal
	3. Reuniões periódicas com os responsáveis
	4. Boletins informativos
	5. Quadro de avisos
	6. Relatório de avaliação da criança
	7. Exposições/mostras pedagógicas
	8. E-mail
	9. Telefone
	10. Outra forma. Especifique:



**20. Com que periodicidade ocorre às reuniões com os responsáveis pelas crianças?**

	1. Semanal
	2. Quinzenal
	3. Mensal
	4. Bimestral
	5. Outra. Qual _____

**BLOCO III: Aspectos psicossociais e atuação do Psicólogo Escolar**

**21. Quando uma criança ou jovem apresenta problemas de comportamento em sala de aula, o que costuma ser feito?**

---

---

---

---

---

**22. Quando uma criança ou jovem apresenta muitas dificuldades de aprendizagem, o que costuma ser feito?**

---

---

---

---

---

**23. Como a escola lida com a inclusão de crianças ou jovens com deficiência?**

---

---

---

---

---

**24. Como a escola lida com os casos de evasão escolar?**

---

---

---

---

---

**25. Como a instituição lida com casos de bullying e de violência na escola?**

---

---

---

---

---

**26. Há algum trabalho de orientação vocacional ou voltado para a entrada de jovens no mercado de trabalho?**

---

---

---

---

---

**27. Como você entende a importância do psicólogo na escola?**

---

---

---

---

---

**28. Você poderia dar algum exemplo de um trabalho relevante que o psicólogo desenvolveu nesta escola?**

---

---

---

---

---

---

**Espaço para observações, comentários sobre o desenvolvimento da entrevista:**

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
---